

Documentação

Nome: JB

Data: 7/11/96 Pg: 9

Outros: KAYAC

138

Índio quer dólar

■ Caiapó exige dinheiro para se deixar fotografar

Em mais de 20 anos de contatos com tribos indígenas, nunca tinha experimentado a desagradável e constrangedora sensação de ser expulso de uma aldeia. Intimamente, até me imaginava um veterano e estimado indigenista. Quem sabe, o mocinho do filme *Dança com lobos*. Mas quando desci de um monomotor na aldeia caiapó de Pukanu, no encontro dos rios Iriri e Sabuji, na região perdida (e põe perdida nisso) do Sul do Pará, divisa com Mato Grosso, a realidade foi bem outra.

A aldeia fica nas margens do Iriri, um belo rio de águas claras. Precisávamos conhecer essa tribo, liderada por três caciques — Kaioá, Raiol e Pokatir — e várias negociações foram feitas pelo rádio. Os moradores de Castelo dos Sonhos chamavam a atenção para o clima hostil existente nas aldeias caiapó, principalmente no vale dos rios Iriri e Xingu.

Ao descermos em Pukanu, vínhamos de um primeiro fracasso. Nossa visita a um outro grupo caiapó, do cacique Baby-Tok, tinha resultado em nada. A professorinha que alfabetiza os pequenos caiapós nos informou que havia madeiros e garimpeiros na reserva. Trata-se de uma presença nefasta, invariavelmente danosa para a cabeça dos índios.

A tribo estava fortemente armada, com os rifles de repetição que eles adoram. A equipe queria imagens, mas era preciso negociar o preço. Isso me soou como heresia. O mais trágico é que, nos primeiros anos da década de 70, estive nessa aldeia, e as condições

eram naturalmente outras. Não havia ainda o ouro, nem o mogno, nem a cobiça. Por mais que insistisse, ninguém se lembrava de mim.

O que queriam saber é quanto pagaríamos em *verdinhas*. Fala-se mais nas *verdinhas* do que no próprio real. Alegamos que bastariam umas duas horas de trabalho, e oferecemos R\$ 2 mil por perceber que menos soaria como provocação. Nem sequer se deram ao trabalho de responder. Deram as costas e foram pescar. A aldeia inteira. No equipamento fotográfico, nem pensar em pôr as mãos.

As negociações têm o *timing* do universo dos índios: foram lentas, e se arrastaram pelo dia inteiro. Escureceu, e tivemos que dormir na periferia da aldeia, já que no interior eles não permitiram. Éramos *estrangeiros* e como tal fomos tratados. No dia seguinte, o recado: US\$ 10 mil pelas fotos ou deixar a aldeia a toque de caixa. Para agravar o clima, um garoto de 7, 8 anos, filho de um funcionário da Funai, que falava fluentemente o caiapó, nos informou: "Eles estão dizendo que se vocês demorarem vão metralhar o aviãozinho".

Para o bom entendedor, pingo é letra. Meus parceiros ainda imaginaram que havia bravata. Consegui convencê-los que não. Fotos, só aéreas. Com o vidro todo embaçado e um gosto amargo de desencanto, eu via a aldeia se distanciar, mergulhados, todos nós, num silêncio constrangedor. Na lembrança, uma idéia recorrente inspirada pelo querido Machado: alguma coisa precisa ficar, resistir, ao naufrágio geral das ilusões. (E.M.)